



VALE DO TUA

FLORA E AGROSSISTEMAS



Flora e Vegetação do vale

O Vale do Tua, em termos fitogeográficos, pode-se enquadrar no vasto domínio denominado Mesomediterrâneo transmontano-duriense, sendo sub-dividido em dois pisos bioclimáticos, mesomediterrâneo médio e mesomediterrâneo inferior e apresenta um ombroclima sub-húmido a seco e constitui grande parte do território fitogeográfico do Sector Lusitano-Duriense, abrangendo as áreas conhecidas por Terra Quente, Cima Corgo e Douro Superior.

O verdadeiro carrasco – *Quercus coccifera* L., sendo calcícola, é frequente no centro e sul do país e raro no norte, havendo apenas alguns exemplares desta espécie nos calcoxistos do Douro Superior. A espécie sub-dominante é uma resinosa cupressácea ancestral, refugiada na Ibéria desde a era das glaciações, que é o zimbro-da-mesêta. Estas duas são as espécies mais frequentes, sendo ainda componentes notáveis do estrato arbóreo, o carvalho-cerquinho, o sobreiro, a zêlha e, num ponto ou noutro, a oliveira – brava ou zambujeiro. Em termos fitossociológicos predominam subassociações relacionadas com azinhais e sobreirais com zimbros.

Como elementos característicos do sub-bosque destacam-se o piôrno, arbusto semelhante às giestas, a cornalheira, o lentisco-bastardo, o medronheiro, a estêva, o rosmaninho, o tomilho-do-monte ou bela-luz, o trovisco, a rosêlha e os sanganhos e ainda as espécies trepadeiras como o jasmineiro-do-monte, a vide-branca e a mais conhecida madressilva.

Como se vê nos domínios ibero-mediterrâneo e submediterrâneo os matos arbustivos integram-se em absoluto na classe *Cisto-Lavanduletea* Br. Bl. liderada pelas estevas e rosmaninhos.

Nas áreas mais quentes do mesomediterrâneo médio, mais próximas do rio Douro e da sua foz e aproveitando solos um pouco mais profundos dos depósitos de vertente, implantam-se variantes mais termófilas desses matagais mediterrâneos: os piornais, formações arbustivas mais frequentes no sul do nosso país e no sul do país vizinho. Esses piornais são matagais altos dominados por um arbusto semelhante à giesta vulgar que é o piôrno, de vagens pequenas e arredondadas e de ramagens altas, flexíveis e quase sem folhas para melhor adaptação à secura.

É devido a essa semelhança entre a giesta piorneira e o piôrno, que também

se denominam piôrnos e piornais aos matos de giesta piorneira, só que estes são exclusivos das terras altas, serranas, das Terras Frias transmontana e beirão. Nos piornais durienses há que evidenciar dois preciosos arbustos espinhosos meso e termo-mediterrâneos: abrunheiro-bravo e espinheiro preto.

De realçar na paisagem vegetal do vale do Tua, como de toda a região duriense, a importância dos denominados "*mortórios*", que são espaços por vezes ainda com os antigos muros onde há cento e vinte anos houve vinhas que entretanto foram devastadas pela filoxera, sendo atualmente muitos deles espaços recolonizados pela vegetação autóctone.

Nesses matagais inserem-se espécies de elevado interesse não só arbóreas e arbustivas como até algumas herbáceas como os casos duma Crucífera ou Brassicácea semelhante a um goiveiro silvestre, da Orquidácea, da Peonácea rosa-albardeira, e ainda da Iridácea lírio-do-monte.

Não podemos deixar de chamar a atenção para a necessidade de se preservarem na paisagem alguns desses magníficos "*mortórios*" como repositórios que são de uma rica biodiversidade da vegetação autóctone

mediterrânea duriense.

Assim como não podemos deixar de alertar para a necessidade de se preservarem melhor os bosquetes de topo das colinas e a vegetação ribeirinha das linhas de água, fundamental para o equilíbrio ecológico da região.

Flora e vegetação ribeirinha

Nas orlas ribeirinhas do Tua, como da maioria dos rios da região, até ao nível montano demarcam-se as espécies típicas desses espaços como: o amieiro, o freixo, o ulmeiro, o choupo, os salgueiros, o lódão, o sanguinho-bastardo, o sabugueiro, a salgueirinha, a cana vulgar e outras higrófilas ribeirinhas. No estrato herbáceo das beiradas das linhas de água, definem-se alguns ervados que não chegam a ter suficiente expressão para se poderem denominar "*lameiros*", sendo estes agroecossistemas mais típicos da Terra Fria e de algumas Freixedas das zonas de transição entre a Terra Quente e a Terra Fria.

Outras formações típicas das linhas de água, nesta como noutras áreas



do Centro e Norte do nosso país, são os salgueirais, com dominância do salgueiro negro, mais a montante e do salgueiro-branco mais a jusante, pois esta segunda espécie é mais termófila. Nos leitos de cheia do Douro e seus afluentes os salgueirais ocupam os troços onde o regime das águas é mais agressivo e os solos mais arenosos ou pedregosos, habitats onde os amieirais e as freixêdas não se adaptam tão bem. Nesses leitos de cheia os salgueiros compartilham esses nichos ecológicos com um outro arbusto menos conhecido mas muito característico (exclusivo no nosso país dos vales do Douro interior, Tejo interior e Guadiana). É o tamujo, arbusto muito ramoso e muito espinhoso da família botânica das Euforbiáceas cuja designação botânica é *Securinega tinctoria* (L.) Rothm e este adjetivo específico indica que já deve ter sido usado em tinturaria, pois, como todas as Euforbiáceas, é uma espécie rica em secreções. Pode ser observado nas margens do Tua junto à sua foz, a par de magníficos tufos de salgueiros brancos.

Flora ruderal e rupestre

A flora ruderal, inserida nas ecotonias de transição de margens de caminhos, margens dos matos ou bosquetes e nas bordaduras de culturas agrícolas é muito semelhante a outras floras ruderais de outras regiões de ombroclima semelhante na mediterraneidade, sendo uma flora bastante cosmopolita ou seja constituída por espécies de muita ampla inserção fitogeográfica e na qual se salientam espécies herbáceas vivazes, apiáceas, asteráceas tipo cardos e ainda diversas gramíneas ou poáceas como os bromos, as brisas e a mais conhecida cevada-dos-ratos, aliás considerada uma das espécies mais características das comunidades florísticas ruderais.

Já na flora rupestre ou rupícola, inserida em taludes e outros locais caracterizados pela sua pedregosidade ou por solos esqueléticos, habitats esses que incluem algumas margens e leitos de cheia de rios, ribeiras e linhas de água, teremos de salientar, no caso deste vale, a presença das vulgares e comestíveis azedas, dos conchelos e de outras Crassuláceas, assim como dos belos “*alfinetes*” com as suas vistosas inflorescências escarlates. Mas, a par



destas espécies relativamente vulgares em habitats rupestres, teremos de salientar nesta região algumas espécies algo raras e por conseguinte de maior notoriedade como sejam a *Silene marizii*, o *Anarrhinum duriminium* e sobretudo a bela dedaleira.

Numa situação climática mediterrânea com se define em todo o vale do Tua, as culturas agrícolas dominantes são como se sabe, a vinha, o olival, o amendoal e o laranjal. Todavia há que lembrar que o troço deste vale entre Mirandela e o Cachão é bastante mais aberto definindo uma vasta e fértil várzea, bem inserida na denominada Terra Quente Transmontana onde hortícolas e pomares de diversas

fruteiras como a cerejeira, o pessegueiro, a ameixoeira e a figueira, enriquecem sobremaneira a paisagem e a sua agricultura. Nesta várzea também estão presentes magníficos olivais, pois a Terra Quente Transmontana apresenta uma condição edafo-climática privilegiada para a cultura da oliveira em que a existência de algum frio invernal devido à continentalidade, travando o avanço de algumas doenças e pragas como a gafa e a mosca-da-azeitona, e a dominância da variedade “*cobrançosa*” confere ao azeite desta região uma qualidade ímpar, sendo a cultura da oliveira neste troço mirandense do vale do Tua a base da sua agricultura.

Este aspeto muda de feição à medida que nos aproximamos do troço a sul do cachão, de vertentes mais íngremes e escarpadas aonde a vinha vai tomando dominância, não só porque se adapta melhor a situações deste tipo, mas também porque nesta área já se define o Alto Douro Vinhateiro com possibilidade de produção de vinho do Porto, aliás de altíssima qualidade.

Quanto às hortícolas são de referir e salientar pela sua qualidade as couves-pencas ou couves-tronchas do vale do Tua, que, à semelhança das da veiga de Chaves ou do vale da Vilariça, “*sofrem*” com as geadas outonais uma pressão

fisiológica de aumento de açúcares a fim de se defenderem melhor do frio, adoçamento esse que as torna nas melhores couves pencas do mercado.

Outra cultura importante neste vale do Tua é o laranja, inserido em dois tipos de paisagem: ou em pequenos terraços semelhantes aos geios das vinhas, construídos nas vertentes escarpadas de xisto – o xisto é dominante na geologia deste vale como de todo o Douro Vinhateiro, embora se levantem alguns afloramentos graníticos num ou outro local – ou em pequenas várzeas definidas principalmente junto à foz. São especialmente famosas pela sua qualidade, conferida pelo ímpar microclima aqui definido, as conhecidas laranjas de São Mamede de Riba-Tua.



Parque Natural Regional
do Vale do Tua

Guia da Natureza **PNRVT** / Texto **Alberto Tapada**
Fotografia **Jorge Delfim / Ricardo Guerra / Samuel Tapada**
Design **Alexandre Araújo / Samuel Tapada**
Produção **Longomai**
Tiragem 500